

Estiagem provoca queda de 3,5% no PIB do RS no segundo trimestre**+ ECONOMIA****MARTA SFREDO**

marta.sfredo@zerohora.com.br

Com Mathias Boni | mathias.boni@zerohora.com.br

No RS, é preciso aprender a prevenir queda forte no PIB

Quem já viu uma série histórica – as variações ao longo dos anos – do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul aprendeu: a economia gaúcha costuma se comportar exatamente como a nacional. As exceções que confirmam a regra ocorrem quando há estiagem no Estado, como ocorreu entre o final do ano passado e o início deste, quando se desenvolve o cultivo do maior item gaúcho de exportação, a soja.

No segundo trimestre, a queda foi de 3,5% em relação ao primeiro, que já havia caído 3,8%, e de 11,5% na comparação com o mesmo período de 2021. Seria um susto, se não fosse previsível. O dado contrasta com o crescimento de 1,1% no PIB

nacional do mesmo período. E o motivo é o de sempre: estiagem. Daí a queda de 38,3% no setor agropecuário no segundo trimestre em relação ao primeiro, e de impressionantes 65,6% ante o período de abril a junho de 2021. Segundo o Departamento de Economia e Estatística (DEE), é o pior resultado do setor desde o início da série histórica, em 2002.

A economia tem oscilações que ignoram tentativas de planejamento. Podem ser causadas, como vimos nos últimos anos, por pandemias ou guerras. Mas se existe algo que se pode tentar administrar é a quantidade de água para

irrigar o plantio. Claro, é preciso planejar a ampliação do acesso à irrigação com critérios atualizados que considerem os riscos da crise do clima. Tecnologia não falta.

Vanessa Sulzbach, chefe da Divisão de Análise Econômica e diretora-adjunta do DEE, já havia advertido que esse impacto ocorreria no segundo trimestre, “com 100% de chance”.

– Com a base alta do ano passado (safra histórica), a agropecuária sofreu a maior queda trimestral da série histórica.

Os efeitos só não foram maiores, destacou, porque os setores da indústria e de serviços tiveram bons desempenhos no período.

Crise hídrica derruba PIB do Estado no 2º trimestre





Números confirmam amplitude dos efeitos da estiagem para o RS

Nas estiagens cíclicas enfrentadas pelo Rio Grande do Sul, há anos que se tornam marcos em razão dos estragos que a falta de chuva pode trazer à produção — e à economia — do Estado. Os dados do PIB relativos ao segundo trimestre divulgados pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria do Planejamento colocam 2022 nessa relação.

Embutido no tombo de 65,6% da agropecuária em relação a igual trimestre de 2021 está um impacto que supera o trazido por perdas de safra anteriores. Foi a maior queda registrada pelo segmento em um 2º trimestre desde o início da série histórica, em 2002. E para a economia como um todo foi essa a estiagem de maior prejuízo econômico? Sim e não, explica Vanessa Sulzbach, a chefe da Divisão Econômica do DEE:

— Para efeito direto à agropecuária, foi a maior queda. Mas sabe-se que há os indiretos. Os preços em elevação (de produtos como a soja) podem ter feito o produtor não deixar de investir. E esses efeitos indiretos podem estar atenuando um pouco o impacto no todo.

Em representatividade, a produção ganhou mais peso sobre o valor adicionado bruto, que entra no cálculo do PIB. Isso ajuda a explicar por que, apesar da estiagem de 2005 ter provocado uma redução percentual na colheita da soja maior do que a deste ano (veja quadro), o tombo sofrido agora deixou mais cicatrizes.

— A queda da soja foi parecida, em termos de clima, com a de 2005, mas dada a participação maior (agora), tem mais efeito sobre o valor adicionado bruto. Em 2005, tivemos queda de produção e de preço — completa Pedro Zuanazzi, diretor do DEE.

Outro ponto importante a considerar é a base de comparação alta — 2021 foi de safra recorde. Economista-chefe da Federação da Agricultura do Estado (Farsul), Antônio da Luz classifica esta como “a pior estiagem, de longe”. E justifica: — O PIB da agropecuária é muito mais conectado com o da indústria e o de serviços do que era há 20 anos. A indústria é importante como compradora e como fornecedora. Uma seca prejudica nas duas pontas. O serviço, a mesma coisa.

Daqui para a frente, o trigo, que começa a ser colhido no último trimestre do ano, tem potencial para diminuir a queda do PIB agropecuário gaúcho no ano. Mas não a ponto de reverter os efeitos da estiagem de verão.

— Deve mitigar, mas não compensar, porque é menos representativo — explica Vanessa.

As quebras e o PIB

2021/2022

• Perdas na soja: 54,3%

• Impacto no PIB agropecuário: queda de **65,6%** no 2º trimestre de 2022 sobre o 2º trimestre de 2021; nos seis primeiros meses, o recuo foi de **57,5%**

2011/2012

• Perdas na soja: 49,3%

• Impacto no PIB agropecuário: recuo de 44,1% no 2º trimestre de 2012 ante o 2º trimestre de 2011; no ano, caiu 32,4%

2004/2005

• Perdas na soja: 55,9%

• Impacto no PIB agropecuário: recuo de 23,9% no 2º trimestre de 2005 ante o 2º trimestre de 2004; no ano, caiu 21%

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Queda de 3,5% **Página:** 13,16 e 17